

ECHO MUNICIPAL

ORGAN LITTERARIO, NOTICIOSO E IMPARCIAL

PROPRIETARIOS—MOREIRA & SEIXAS.

REDACTOR—Manoel Saturnino de Seixas

ECHO MUNICIPAL

2 de Março de 1879.

A DEMOCRACIA

A humanidade, depois de ter passado por todos os estados que são os termos necessários de sua evolução progressiva, tem chegado á epocha magestosa em que não mais tolera o sacrificio do que é grande e justo, sincero e dedicado; a epocha magestosa em que a razão dos seculos nivelou as classes e assentou, entre os povos civilizados, a idéa politica radiante de liberdade!

O progresso se limitará d'ora avante a accentuar o movimento na successão das modificações que por ventura se possam operar n'essa forma de governo em que o direito e a força exercem a soberania.

E' que o plano da Providencia não pode ser alterado.

Os principios apregoados pelo Salvador hão de ser definitiva e plenamente estabelecidos.

Os effeitos d'essa ultima criação politica cuja raiz—a caridade—é a principal virtude que, nutrido-se de si-mesma, alimenta todas as outras, hão de ser sentidos em toda a sua plenitude em que pese os ignorantes ou aos homens de má fé! O verbo democratico ha de ecoar por toda a parte, lançando por terra—destruido e aniquilado—tudo quanto si afflutar a embaraçar-lhe a marcha, como ontr'ora as muralhas de Jerichó ao som da trombeta de Josué.

Desapparecem individuos, apagam-se civilizações, derribam-se imperios; mas são esses, por assim dizer, os meios de que tem lançado mão a humanidade para alcançar o seu constante desideratum, e tanto é assim que n'essas mesmas epochas criticas, o fio da idéa, que deve ligar na mesma haste as sociedades que desapparecem á sociedade que principia a ser, salva-se sempre, nunca se perde.

Estas epochas de ordem e desordem, esta successão continua de grandeza e decadencia apparentes, communmente denominadas, vicissitudes da humanidade, nada mais são do que a expressão dos esforços empregados por ella, para alcançar o seu fim.

Assim—o baque formidável da gigante fabrica do babil conquistador Cesar deu impulso para que passasse em cortejo o municipio, a realza e a cruz—o symbolo christão que sus-

pendia os instrumentos do martyrio.

Ainda a futura capital do orbe catholico brilhava em todo o seu esplendor e já na sua vida social existiam vícios profundos; aviltado e enervado depois, o imperio romano sob o despotismo imperial, se decompunha pelas continuas guerras civis que também eram fomentadas pelas questões theologicas, e o virus da sua decomposição ameaçava contaminar o mundo até então conhecido.

Ao tempo em que as invasões dos barbaros mantiveram o regimen da força, a lampada da sciencia apenas n'um ou n'outro mosteiro, n'um ou n'outro claustro pôde encontrar guarida para os seus ultimos raios, e durante essa longa e tenebrosa noite a voz do papa que então occupava galhardamente o primeiro logar na hierarchia social formada pela cavallaria que se originou d'essa mistura de fé catholica com os enleivos imaginativos dos Arabes, a voz do papa, digo, era ouvida com terror e respeito. A esse tempo se proclamara elle Senhor absoluto, e pretendeu, no auge da ousadia, fazer do christianismo que é o principal typo da civilização moderna, um obstáculo aos progressos da sciencia; a razão se achava então escravizada ao dogma, porém os seus direitos encerrados tyrannicamente nos claustrs, foram corajosamente proclamados por Abailard e depois por Wicleff e Jean Huss.

A auréola de gloria immortal que circunda a apaixonada figura do philosopho e amante Abailard é devida ao seu amor por essa outra deusa de Virgilio *Incessu patuit dea* que a seu turno cingida com uma triplice auréola de graça, amor e grandeza, supportou, com resignação e piedade evangelicas, a corôa de espinhos da sua paixão por ella propria entrançada! Graças a esse amor que expira suave perfume, a alma de Abailard irradiou sobre o seu corpo e o elevou á poesia!

E' no entanto, para o nosso seculo, o seu maior titulo de gloria ter combatido ardentemente pela liberdade do pensamento.

Depois apparecem em novo theatro os primeiros seculos da sociedade moderna, tendo por forças impulsoras—a força espiritual da Igreja e a força material dos barbaros—duas inimigas que procuravam sem cessar invadir-se mutuamente.

Succedem, a esse periodo da historia da humanidade, os seculos XVI e XVII que contemplam o movimento intellectual produzido pela

Reforma que acreditou promover um movimento religioso e nada mais fez do que uma reacção contra as ousadas e escandalosas pretensões do S. Padre, contra o despotismo e intolerancia puramente clericais.

O monge Luthero, homem de caracter despotico, porém corajoso, que foi o primeiro a hastear a bandeira da revolta, bem longe estava de supor que, com os seus excessos e violencias, provocava o estabelecimento definitivo da realza do pensamento humano que já antes tinha sido proclamada.

Logica de Deus! O fio da idéa salva-se sempre!

O abalo produzido pela Reforma foi effectivamente uma revolução intellectual que concedeu o imperio do mundo ao pensamento colectivo—á opinião; foi uma revolução emancipadora da razão humana que desfalecia entre as malhas de ferro do *Magister dixit*!

Emancipada que foi a opinião publica, travou-se luta renhida e porfiada entre ella e a Monarchia, luta que emancipou a sociedade e cujo exito foi affixado pelos apostolos da liberdade nas duas grandes revelações da vontade nacional: em 1688 em Inglaterra, e em França no seculo XVIII, n'esse seculo dramatico que teve pelo homem delirante amor!

Tres factos, tres crises dominam a historia dos tempos modernos: a Reforma, a revolução social de 89 e por ultimo a queda do poder temporal dos papas.

O proprio Christo que vivia ha 14 seculos opprimido pelo *Pontifex maximus* foi também emancipado!

Revelam esses tres factos o esforço do espirito humano para desfazer o bronzeo envolvero em que o teve encerrado a idade-media.

Finalmente, a convenção firmou sem o saber, em bases graniticas o direito social moderno e é essa herança, do seculo passado, a nossa riqueza!

Ah! São muitos os titulos de gloria do seculo—envelhecido de experiencia—em que vivemos, d'este seculo em que o facho luminosissimo da sciencia ja se presta a dissipar as sombras onde fallece a luz da fé; d'este seculo em que a razão e a força unidas como duas irmãs, elevam um hymno de reconhecimento á fonte que as alimenta, d'onde recebem a inspiração que é o sopro creador, e que se chama—o amor; d'este seculo em que a mulher—ornamento e gloria da

creação já quasi occupa o lugar que merece—depois de ter atravessado seculos anteriores pallida e desfigurada como objecto de luxa e ostentação!

Pois bem! E' só por meio da instrucção espalhada por todas as camadas sociais que nos tornaremos dignos n'estes tempos em redor dos quaes se alarga indefinidamente o horizonte do seculo XIX!

E' preciso que possuam todos o pleno conhecimento dos seus deveres e direitos. A ignorancia é credulidade, é escuridão, e a escuridão protege ciladas.

A mocidade brasileira, de posse da verdade politica, recorre ao poder incontrastavel da imprensa para fazer sentir que a sua influencia é real e poderosa;—muito mais poderosa, do que a dos politicos e clamadores ruidosos, por que a mocidade, com abundancia de fé no futuro, auxilia a tendencia da humanidade, que unica e solidaria é solicitada por força sobre-natural, para esse ponto fixo—*a democracia*!

E' do alto da imprensa que ella ha de repellar as idéas que não podem abraçar, e lembrar ao povo que ser indifferente ao movimento politico do seu paiz é aviltar-se, por que tem elle uma missão elevada—á de se engrandecer pelas victorias ganhas sobre o fanatismo e o erro em suas multiplas formas, e, n'esse commettimento, é a mocidade brasileira alentada pelo brilho precursor de sua completa regeneração.

C. de C.

NOTICIARIO

Aos nossos amigos e leitores do ECHO muito agradecemos o benevolo acolhimento que tem se dignado dispensar ao nosso humilde periodico, assim como a manifestada boa vontade que temos encontrado nos dignos contribuintes que constituem o quadro dos assignantes do nosso jornal.

De nossa parte procuraremos sempre, enviando todos os esforços possiveis, corresponder á extrema indulgencia e animação que se nos tem prodigalizado.

Nomeação.—Por acto de 20 do passado foi nomeado subdelegado de policia d'esta freguezia o sr. Bento Barboza Ortiz.

Felicitações á s. s. o fazemos votos para que no desempenho do suas funções não tenha occasião de trazer o fel que communmente se dispensa aquelles que, dedicando sua vida, bens e tempo em prol da humanidade—as mais das vezes sem por cogi-

penção, si não o gelido e estéril indifferntismo, ao menos a falta de reconhecimento e de gratidão dos seus contradições.

Carneval.—Cotrou entre nós bem animado o gahoeiro carnavalesco, ainda que o tempo foi sempre chuvoso. Não obstante, lândos carnavalescos pedestres e equestres percorreram as ruas, da nossa povoação levando em sua frente a corporação musical do sr. Rindolpho; e durante as tres noites de 23, 24, e 25 regorijava o salão destinado aos bailes—de espirituões e bem vestidos mascarados.

Devido ao mau tempo não foi dado a Administração dos foliões do carnaval—cumprir a risca o programma apresentado ao publico e publicado por este folha.

A champagne e a cerveja que os foliões (segundo o annuncio) terião que liber a margem esquerda ou Cachoeira Velha, foram esgotadas somente do lado opposto, em S. Antonio propriamente dito, por quanto, a perigosa passagem do Parahyba aggrava da parte encheite do rio não permitiu áquelles festivos do deus Momo visarem o nobre burgo familiar. Por cá, apenas em out' outro mascarado a pé, sem esforço, se por apresentar espirito, de que tinham sempre desprovidos.

Em compensação, porém, fez epocha, fôcou ao delicto o anachronico entrudo. Parece que retrogradamos, ainda que pesa aos annuncios de costumes para todo o prego.

Com isso, porém, não cahio si quer um dente aos fabricantes de fundos obscurozados, cuja formula segundo muito particularmente nos informam, é a seguinte: uma colher de chá de superior agua da Flórida para dez litros de agua commun.

Hospedes.—Estiveram entre nós de passeio em dias da semana findos os nossos amigos srs. dr. José Ignacio de Macêdo, illustrado promotor publico da Comarca, em companhia de sua exma. Senhora.

Tivemos igualmente o prazer de receber em nossa casa o sr. Luiz R. Barboza, importante commerciante na Corte, e principal socio da firma—Barboza, Reis & C.

Complementamos os illustres cavalheiros e a exma. sra. do sr. dr. Macêdo.

Soirées.—Nas noites de 22 e 25 do mez passado tivemos excellentes soirées familiares, em casa da sra. d. Anna Antonia do Prado.

O primeiro, promovido pelo sr. A. Rodrigues do Prado correu bem e foi regularmente concorrido, tendo-se estendido até alta noite.

O segundo levado a effecto pelo bello sexo Carholense esteve maravilhosamente prolongado-se até as 4 horas da manhã de 23. Constatamos que ha muito que não participamos de uma tão amena e agradável reunião; assim como que jamais encontramos os finimos tão bem dispostos para esse genero de divertimento.

Pela parte que nos coube nós convites de que nos encarregamos agradecemos as exmas. familias que de tão boa-monte concorreram áquella tão agradável quasi saudosa reunião.

Homicidio.—Em dias da precedente semana, no bairro do Passa-Vinte, no negocio do sr. Miguel Segundo, apresentaram-se Francisco Paraguayo e Benedicta de tal, amanha do mesmo. Ah! depois de repetidas libações d'esse par adepto de Baccho, o proprietario do negocio, sr. Miguel, prevendo qualquer acontecimento, despediu áquella importuna frequência que tendo-se retirado para a estrada travaram-se ambos de razões, e com tal calor que Benedicta apoderando-se de uma faca que trazia Paraguayo, arremessou-se contra este e da-the tres feridas, sendo uma d'ellas na região do coração—com tanta vehemencia que varara para o lado das costas. Miguel cahio morto, e Benedicta fôra preza em flagrante delicto, acha-se detida na cadeia da villa do Cruzeiro, onde se procederá ao auto de corpo de delicto no cadaver de Paraguayo.

Beixigas.—Em referencia á noticia que sob esta epigrapho demos em nossa folha de 23 do passado, temos a agradecer que o varoloso fallou, embora rodeado de todos os recursos que por iniciativa do sr. Dedeito da Silva Rodrigues,

subdelegado da Policia da Villa do Cruzeiro, lhe foram ministrados.

O finado teve sempre um enfermeiro vencendo 38 diários pagos pela Camara, um conductor de viveres e remedios, e duas guardas nas immedições da sua residência, além de evitar a propagação do mal.

houvamos o protedimento do sr. Dedeito.

Jornal.—Recebemos alem dos jornais que nos honram invariavelmente com as suas permittas, o n.º 9 da importante «Correspondencia dos Estados Unidos» correspondente ao mez de Janeiro. Como sempre vem repleta de variados artigos de real interesse. Agradecemos.

Gazeta de Silveiras.—Recebemos o primeiro n.º d'este jornal publico-se semanalmente na villa cidade de Silveiras. Bem redigida, e tendo excellentes collaboradores, promette, perduram muito, e caminhar impavida por sobre os imensos obices que se apresentam na senda do jornalismo.

São proprietarios da empresa os srs. Carlos Branco e Azevedo Pereira que constituem uma verdadeira garantia para a realisação do ideal a que aspiram. Saudamos ao municipio de Silveiras pelo apparecimento da Gazeta de Silveiras e folgaremos que os habitantes d'aquella localidade, tendo na devida conta um tão auspicioso acontecimento, não poupem esforços a bem de manter entre si tão real melhoramento.

Desordem.—D'esta vez a cadeia corre por conta dos Paraguayos.

Ja noticiamos hoje a morte de um Francisco Paraguayo: agora vamos tratar de um outro Chito Paraguayo que se morreu, mas deu pancada com um chicote nas faces do valoroso commandante do destacamento policial d'esta frequencia na tarde de 27, tendo no dia antecedente minotado o sr. Antonio Marques de Seixas com uma lechada nas faces.

Deu-se o facto que, estando Francisco Paraguayo promovendo desordem no negocio do sr. Joaquim Dedeito, e estando presente o commandante de Policia, chamou aquelle á ordem, e a consequencia foi Paraguayo assentar-lhe na face (sempre na face!) algumas chigotadas, segundo relate a parte do referido commandante ao sr. subdelegado em exercicio, que a esta hora ja procedeu ao auto de corpo de delicto.

Em quanto á hostilidade no sr. Antonio Marques, consta tambem que fôra sem motivo justificavel, tendo-se dado esse acontecimento no dia anterior.

Decididamente os Paraguayos estão fazendo epocha!

O aggressor acha-se preso e recolhido á cadeia d'esta frequencia.

Variedades

Matutina

Conpo.

A lua n'ó céo derramava por toda a natureza como um beijo voluptuoso o seu mais esplendido fulgor, que os frondozos jatobás e altas palmeiras, estendendo as largas folhas, pareciam receber anhelantes. A viração passava na floresta sussurrando melancolicamente como uma canção de amor estremecido. O profundo silencio que então reinava era apenas cortado de quando em quando pelo piar de uma ou outra ave nocturna que fugia esquivada e pelo murmurar longinquo do Iteté debetendo-se no seu leito de despenhadeiros. No calce das flores silvestres as gotas do orvalho scintillavam como diamantes.

Era uma noite formosa! uma d'essas noites tão frequentes em nossos climas tropicaes, em que a brisa morna tocando-nos as faces faz-nos o coração palpitar ansioso no peito, ateando-nos nas entranhas ardores de volupia e languidez: era que imagens de mulheres graciosas e rebatadoras surgem-nos á mente es-

candecida, como outras tantas realidades, dispersos os cabellos sobre os hombros nus, os olhos a banharem-se em desejos.

Era por uma noite como esta, em que uma das mais lindas filhas da montanha, a graciola Matutina scismava, apoiada ao rosto a alva mãozinha, sem que a pudesse despertar de seu enlevo o rumor das aguas compassadas da fonte que corria quasi a seus pés.

O mesmo aspectó da casa de Pedro Jurá que se elevava de frente contribua, pela mudez em que estava para tornar mais solitario e triste o Apocirano.

Matutina, pensativa, e deixando manifestar n'um ou n'outro suspiro os terribes sentimentos que abrigava reconditos no fundo do peito, era como a rosa dos valles ao raiar da aurora.

Ella erguia de vez em quando os seus formosos olhos e parecia querer com elles penetrar a cerrada escuridão do bosque. Um roído como o de estalar de folhas secas soou ao longe; suas faces tornaram-se de purpura. —Guarim! chamou ella, levantando-se. —Guarim!

Um enorme cão desentolou-se de baixo de uma mangueira, e correu saudando as longas orelhas para junto de sua dona. No bosque arrulhou o torcaz e ao mesmo tempo na orla do jussaral avultou a pouco e pouco uma sombrea.

O semblante de Matutina radiava de alegria e contentamento.

—Alonso! exclamou ella correndo para um bello moço que se aproximava de entre as arvores.

—Matutina! repetiu elle risonho e tomando-a nos braços.

—Já tardavas tanto, que não sei, que tinha o meu coração!... temia por ti, meu amor.

—E agora, disse o moço animando-a, ainda conservarás esses temores, quando me acho junto a ti; quando te estreito em meus braços?

Não! mas o coração amante não engana nunca. Desde aquelle dia fatal em que ao conversar com as moças da planície sentí o rubor em minhas faces, não tenho um só momento em que não veja a imagem de meu marido como exprobração continua diante de meus olhos. Sabes tu? as vezes maldigo o instante em que te vi pela primeira vez: por que te abri haviz de originar-se toda a minha desgraça. Sou uma mulher muito culpada!

Alonso tinha a vista cravada no chão. Conhecendo tudo isso, vendo o abismo profundo que se abria entre elle e Matutina, não tinha com todas as forças para reprimir no peito a immensa paixão que o devorava; vendo que ella soffria, o peito commoveu-se-lhe. Achava melhor retirar-se, alem d'isso sentia a verdade amarga que Matutina, n'um instante de dor, tinha-lhe deixado perceber.

—Adeus Matutina! disse elle tristemente.

Matutina chorava. Era com a mais pungente afflicção que ella via afastar-se o amante. Tambem a noite

já ia alta e Jurá pouco tardaria a voltar da caça.

O sentimento do dever impellia-a para casa; correu para ella, mas quasi na porta não se pode conter que não lançasse a vista para a mata. A luz nesse momento golpafa sobre a terra o seu mais brilhante clarão. B. ella viu a figura do moço que, pallido e triste, a contemplava de longe ainda uma vez.

Toda a sua coragem faltou-lhe. —Oh! não me abandones! não me abandones!

O moço voltou de novo para junto da amante.

—Abandonar-te! a ti? quem adôro, Matutina!

—Oh repete que me amas; que me retribuas com todas as forças de tua alma esta paixão que às vezes me quer tornar quasi louca.

—Amo-te, amo-te muito! disse Alonso deixando transluzir no olhar toda a sinceridade de suas palavras.

—Se soubesses como me faz bem ouvir-te!... é a unica consolação que tenho ao meu viver de dores e martyrios.

—Martyrios! I! murmurou Alonso estremecendo.

—E ainda o perguntas! Pois haverá maior martyrio do que ver uma pessoa preza por laços eternos a sua existencia! Não estou eu ligada a um homem a quem respeitava, sim, mas a quem nunca tive o menor amor!?

Continuar-se-ha.

Meditação

Ao meu amigo V. Ferrer Soares. (á borda do mar.)

Continuação do n.º 30.

Coeli umrant gloriam Dei, disse um poeta.

Então minha alma, n'um enlevo sublime e desprendendo-se das pesadas cadeias terrestres, pela segunda vez vou ás alturas, tentando os ultimos esforços para comprehender esse Ser eterno, immenso, absoluto, a causa das coisas e razão das existencias. Mas baldadas tentativas! fui mais uma loucura da razão! N'essas regiões onde penetrei só vi sombra e mysterio! mas no meio d'essa sombra e d'esse mysterio uma voz ignota se me erguia do intimo da consciencia, bem alto me bradava e eu dizia, que o que procurava existia, mas que á minha razão fraca e limitada não era permitido comprehendel-o. O que é a razão do homem?

Então como que cansado de tantos esforços estereis, e lamentando a insufficiencia da razão, mas conservando puras e firmes as crengas que até então alimentava, volvi os meus pensares para sobre outro objecto.

Medito sobre o homem. Vi somente n'ella um ente fragil, miseravel, um êto imperceptível da grande cadeia dos seres, que se espalham por todo o orbe. Encontrai-lhe desejos maiores que suas forças e tendencias irresistiveis para tudo quanto é bello, grandioso e infinito.

Acabei de convencer-me então do pensamento d'alguns philosophos de que a alma, o espirito do homem, esse *eu* da moderna philosophia não é mais do que uma parte assás diminuta da razão universal, absoluta e divina, sustentando uma luta incessante com a materia e tendendo sempre a regressar á sua origem, ao seu foco, ao seio d'onde partiu, á Deus, finalmente.

Depois ficando de novo os olhos no céu e vendo aquelles milhares de mundos scintillando e continuando a rolar no espaço, admirava que á vista de espectáculos tão tocantes ainda existissem homens, que se atrevessem a negar a existência do Creador. Como! dizia eu para mim, vendo que era o homem, como, sendo o homem a mais perfeita creatura, tendo por isso a coroa da criação, pode ser que negue a Providencia? Como? Se é sabido, olhando os céos enquanto canta nas nossas florestas com sua voz doce e plangente, se o rouxinol saltando, no descair da tarde, modinhos tristes e melancolicos; nos arvoredos d'Europa, e se a meiga e terna rã gemendo na solidão dos bosques, o confessem, o attestassem, e gratos lhe enviassem as suas harmonias nas azas da viração!

A isto me respondia a realidade com sua voz severa e medonha, sim, esta triste realidade, que tantos males nos tem acarretado, e que só Deus sabe quando terço fim. A vaidade do homem pode muito e o orgulho muito mais!

Ja á alta e noite, começava a soprar uma briza um pouco fria e eu cheio de saudades, tive que deixar aquellas praias emenas.

Rio, —Praia da Saudade.

... de Setembro de 1878.

Vaz Pereira.

Correspondencia do Echo.

Lorena, 23 de Fevereiro de 79.

Redactor Amigo.

Primeiramente, conta que lhe transmitto os meus sinceros emboras pelo prazer que nos proporcionou o Dr. Promotor Publico da Comarca, fixando aqui, no coração d'esta cidade, a sua residencia.

Os mesmos parabens darei aos habitantes de Lorena, que não estiverem mal cá com o rapaz.

O Dr. Promotor Publico é um perfeito cavalheiro, um gentleman, como diziam os bifes; mas eu que fallo lingua de branco affirmarei que o distincto Funcionario Publico é homem de coração, vontade e intelligencia.

Nisso não ha lisonja, e se alguém disser que é *pmada* mizba, eu affirmarei que esse *alguem* não conhece o Dr. José Ignacio de Macedo.

Intelligencia brilhante, mais de uma vez mostrou o que vale, na tribuna, na imprensa e no estudo de questões juridicas de maxima importancia: coração nobre, tem-se manifestado muitas vezes em seus actos de philantropia e de verdadeira e sincera amizade; vontade de ferro, tem dado provas de uma grande energia moral, principalmente quando se trata da causa publica.

Congratulo-me, portanto, com os bons Loreneuses, á pezar de ser de

opinião que esse distincto cavalheiro não ficará por muito tempo numa localidade onde a impostura, o egoismo e a intriga formão uma triidade admiravel.

É a pura verdade.

E já que trato disso, é bom dizer-lhe que o nosso distincto e respeitavel amigo, Dr. Promotor, não estava isento de um principio de hostilidade partida de certo personagem de um metro de altura, que é a hypocrisia em pessoa.

Mas, o Dr. Macedo, cumpridor dos seus deveres e homem distinctissimo por suas boas qualidades moraes e intellectuaes, soube collocar-se acima das manifestações hypcritas e pharisaicas escrupulos de *um pffgmeu*, que talvez não viesse da Lapónia.

Dou os meus parabens á boa sociedade loreneuse, de que hoje faz parte o Dr. Macedo; pois o rico e o pobre, o grande e o pequeno, encontrão nesse cavalheiro um verdadeiro amigo; um protector do pobre, um Funcionario zeloso e intelligente; que sempre quize á justiça e sempre amou a verdade.

—Não gosto de *pmada*; por isso acostumei-me desde criança á falar verdades: não ha, pois, lisonja no que ali fica dito.

E' essa uma das mais fortes razões da furia desenvolvida contra o *degas*, nestas ultimas semanas.

Não sabem mais o que hão de fazer, caro amigo; para dar-me uma... de Mestre... e Mestre formado. Hum! a coisa não está lá para que digamos! e eu já ando muito assustado.

Porém, como os meus inimigos não inventarão a palavra á pezar de cabeduros, e como elles tem um *gr... bem comprido*, continuarei á relatar-lhe imparcialmente o que por aqui tem havido.

Tarefa ardua e espinhosa: ardua, porque não posso sair de minha casa, sita á Rua dos Sete Peccados; Mortaes; espinhosa porque o menor descuido pôde acarretar-me uma *boa sôva de pau*, e... adeus! não *Quim Pedro*.

—Entretanto, vou começar pela terceira vez. Ouve lá:

O furriose homem do Lei dignou-se deixar-nos ver a pontinha da capa dos chefes liberais da terra, na *questão—porta malas*.

Como sabi, já á tempos foi demittido do emprego de *porta-mala* o sr. Joaquim José de Luna J... moço de optimas qualidades, e filho de um liberal que muitos serviços reaes tem prestado á seu partido, sem pretender nenhum *osso para roer*, como certos *politiqueros* que eu conheço.

Sen. Pae, notando essa demissão acintosa e sem razão de ser, exigio attenção do comportamento do Funcionario demittido.

Deu-se-l'h'o, declarando até que fora demittido por *osim* lhe *convir* (Hom'essa!)

Mas elle, que conheceu a esperteza sophistica, exigio mais esclarecimentos.

Então, soube o seguinte: de *Vocês do furriose homem do Lei*, que diz isso á quem quer ouvir.

Mezes antes das eleições, o moço, hoje demittido pretendia o emprego: seu Pae empenhava-se em tanto para isso; o homem *furriose* não queria; tinha, *sug*; *conveniências*; os chefes liberais disserão, então:

«nomeie-se o rapaz até se passarem as eleições, para contentar o Pae; depois, zum! rua com elle.»

Dite e feito: assim foi nomeado esse distincto moço; e depois da campanha eleitoral, demittido do Silva!

Eis a chave do enigma, e applicado pelo homem do Lei.

Eis o que houve, *p... pá*. Santa Justa!

Os chefes ordenarão; e o homem do Lei poz em pratica essa *lida* altamente generosa e luminosa!

—Emquanto assim comprometto os seus e á si mesmo este politico enraivecido, a nossa! colleguinha da Rua Municipal (perdão! collega) parece querer tomar *tenencia*.

Tenho presente o numero de domingo, onde deparei alguma *reforma* e mesmo algum *melhoramento*, no tocante ao noticiario...

A colleguinha (perdão! Gazeta, *perdão!*) reformou-se em noticias, e verdadeiramente melhorou a sua critica posição.

Já não se vê mais um—Obrigado: Angelo Agostini—um alem da *veur-de* de Bordallo Pinheiro, —um *adeje* por sobre as cabeças,—e tantas outras perolas, que me seria difficil enumerar.

E' serio, meu collega: a Gazeta já *vue* creando *toutigo*, pois que appareceu-lhe o *dente do sizo*. Isso é quanto ao noticiario, mas o artigo de fundo... isso lá é outra coisa.

Recebo-me que para artigos de fundo o Redactor Principal ainda não foi honrado com um *dentinho* do sizo.

Perderia o equilibrio, tendo-se habituado á *marombar* na corda bamba do seu periodico?

Não sei; mas o certo é que os artigos editoriaes da Gazeta, alem de grosseiros erros grammaticaes, vão sem nexo, sem ordem; de *cabo á rabo*.

Examinemos o editorial de domingo.

Traz a rubrica—Os menores e a policia;—e creio que foi inspirado no procedimento pouco cortez dos meninos de Lorena que, á não ser por um *recrutamento forçado* como o que *vao* fazer a policia, não frequentarão as nossas Escolas Publicas.

Acho-lhe nisso muita razão, porque sem alumnos não se poderão manter as 3 Escolas Publicas do Sexo Masculino que aqui funcção, e numa Provincia como esta, onde o Professor ganha só quando tem certo numero de alumnos *frequentes*, o Mestre h'á de se ver em *tollas* muitas vezes.

Tem razão: recruta a policia meninos para as Escolas, porque á não ser assim, os *sra. Professores* (formados ou não) ver-se hão na necessidade de *leccionar* aos *bancos e carteiras* de suas Aulas.

Mas, deixemos o fundo do artigo de fundo, e passemos á *examinatio*, na forma:

Consta o artigo de 14 periodos e 20 erros, (erros de *palmaria*):

1.º periodo,—3 erros, que são: *a* *quim*; a falta de uma virgula antes da oração incidente—que *infesta* as ruas da cidade e os bairros;—e o final d'esta oração, pois, (segundo a Grammatica) devia o Redactor escrever—que *infesta* as ruas e os bairros da cidade, e não as ruas da cidade e os bairros;

2.º periodo,—2 erros: um de *syn-taxe* das orações, logo na segunda linha, e outro no fim do periodo. A palavra—*diligencia*, que ali se lê, não é vocabulo francez, inglez latino, italiano e muito menos portuguez, não *faz sentido*, e não será encontrada nos Dicionarios Portuguezes, até hoje publicados; alem d'isso, está escripta contra as regras orthographicas:

3.º periodo,—é *esmatico*.

5.º periodo,—erro de *syntaxe* das orações;

6.º periodo,—alem da *impropriedade* do termo, que nunca foi tomado dessa accepção, a palavra *desce* está errada:

7.º periodo,—3 erros: não se escreve *incipiente*, escreve-se *incipiente*; não se diz *castigar ao*, mas *diz-se castigar o*;—não se escreve *refractory* do, mas escreve-se—*refractory ao*;—*incipiente*, segundo Moraes, é palavra *obsoleta*, e não pôde ser empregada, como termo scientifico.

8.º periodo,—há 4 erros: os verbos *chega* e *exerce* pedio outro tempo (o futuro imperfeito e não o presente do Indicativo), não se escreve *desenvolvimento*, nem se diz *consciencioso* em lugar de *consciente* ou *conscio*:

9.º periodo,—alem de *amatico*, tem a expressão *assentada sobre* (que não é portuguez):

10.º periodo,—não se diz *necessidade de*, mas sim *necessidade de ou do*:

11.º periodo,—*esmatico* e *anti-grammatical*:

12.º alem de *fontes perolas*, sobre-se o seguinte disparate: *os factos, cujo conhecimento tragam algum bem*:

13.º e 14.º periodos,—são verdadeiros contra-sensos.

Foi esse o artigo *tutu*, com que nos obsequiou a Gazeta de 16 de Fevereiro. Tratou-se ali da Policia e dos menores, sem do nem piedade; fallou-se muito, e escreveu o Redactor Principal muita *aseia*.

Realmente, o que tem a Policia que ver com os menores?

O que tem ella com a Instrução Publica?

Não haverá mais, em Lorena Juiz de Orphãos nem Inspector do Districto?.... Que artigo!

—Porém, é de supôr que o *noticiario-guassu* da Gazeta fique um *pouco gangemto*, por não ter eu bolido hoje com o seu *impagavel* noticiario.

Assim, pois, e mesmo para que algum dos seus admiradores não fique com *agua na bocca*, vou transmitir-lhe as minhas impressões ao ler a grande *peça dominigueira*. Escuta lá:

A parte noticiosa da Gazeta de domingo é importantissima sob a triplice forma—litteraria, moral e philosophica (o meu homem é tambem formado em *Phylosophia*... pela Escola Normal.)

Na parte litteraria, ninguém mais do que elle tem movido guerra á Grammatica portugueza; pois tem feito uma *impia* hecatombe da Etymologia, *Syntaxe* e Orthographia, sacrificando as suas regras mais triviaes e comesticas, e mostrando supina ignorancia de Litteratura nacional.

Na parte moral, o *illustre jornalista* periodico dá-se á conhecer, logo que abre a bocca ou empunha a penna (que não é *immunda*, co-

mo a minha). E' d'essa forma que elle se manifesta logo no frontispicio do seu *Negro*, accumulando titulos sobretitulos; e d'essa forma que elle se deu a conhecer, a bem pouco tempo, dizendo numa Estação de Estrada de Ferro: « a *Gazeta do Perindico* melhor e mais bem escripto da Provincia de S. Paulo!

Ninguém dirá que isto não seja orgulho, vaidade e imprudencia, qualidades que não são moraes.

Na parte philosophica, o articulista-guassu é grande como argumentador logico; e, se pela Philosphia indaga o homem a verdade, ninguém mais do que elle passou pelo paiz das *inverdades*.

Pois bem! o noticiario de domingo tem importancia litteraria, moral e philosophica.

Vejamos.
Contem a grande peça (litteraria) cinco columnas e meia, que fazem ao todo 18 noticias, bem apanhadas.

Diz-nos, em primeiro lugar, o noticiario que o Hospital de Caridade (já a Santa Casa da Misericordia: *é bom não confundir*) socorre fora a mais dous (que batutas!) e que foi visitado por muitos srs, dos quaes o ultimo foi o sr. *Olympio Caido*. As noticias seguintes já se as que trazem a rubrica *Drama o Negro* (em letras graúdas) são mal redigidas e contem erros de Grammatica; esta, porém, sobre o *Drama-Negro* não é da Redacção, e cumpre notar que ahi se diz: « Do orgulho ao *Negro* vai um abismo. »

Isto quer dizer que o *Negro* é um pouco mais original do que o orgulho.

Se não me falta a memoria, o resto do noticiario não desdiz do seu começo: a noticia *domingueira* da permuta do *Besouro* e *Revista Illustrada* o demonstra cabalmente.

Por ahi se vê que estes jornaes illustrados são filhos dos insignes *crayons* de Angelo Agostini e *Bordallo Pinheiro*. Que tal, amigo, eim?....

Foi peor a emenda do que o soneto: não é verdade?

—Mas, enquanto assim navega a nossa colleguinha em mar de rosas, os maldizinhos não sabem mais o que hão de fazer.

O homem alto diz do rapaz co-bras e lagartos, como sempre, o *Principal* continua furioso, e os amigos chegarão até a dizer que eu não era verdadeiro, por ter-lhe dito que o *chará Quim Francisco* foi Professor, na Figueira, tendo elle leccionado no *Bairro da Cruz*!

Não sei o que hei de responder aos primeiros; aos ultimos, porém, ficará isto como errata.

—O resto fica para domingo, pois hoje estou muito atrapalhado com o carnal, que muito promete.

Ha typos e princezas de todos os formatos, comprimentos e capacidades, que brincarão á vontade, nestes tres dias. Até domingo!

Seu correspondente e amigo,

Quim Pedro



A' PEDIDOS

Moreira & Seixas, gratos á memoria do finado sr. J. Domiciano F. da Incarnação, mandam rezar uma missa em suffragio de sua alma, de pois de amanhã 4 do corrente ás 9 horas do dia. 3.º do seu passamento, na capella de Santa Cruz d'esta freguezia.

solicitam dos amigos e parentes do finado o obsequio de concorrerem áquelle acto de religião.

O Dr. Aureliano Moreira Magalhães, (ausente) e sua esposa D. Maria Ignacia de Macedo Magalhães, pedem á todos os seus parentes e pessoas de sua amizade, o caridoso favor, de com suas Exms. Famílias, assistirem á missa, que por alma de sua nunca esquecida e sempre idolatrada mãe e sogra, D. Maria Domiciana de Magalhães, fazem rezar amanhã 3 do corrente, oitavo anniversario do seu fallecimento, na Capella do Senhor Bom Jesus d'esta Freguezia, ás 9 horas do dia.

Servicos desta ordem prendem sempre a mais profunda gratidão.

Cachoeira, 2 de Março de 1879.

José Luiz Ferreira de Magalhães, D. Anna Pereira de Castro Magalhães e o dr. Antonio José da Costa Junior, mandam celebrar uma missa por alma do finado sr. José Domiciano Ferreira da Incarnação, quarta feira 3 do corrente ás 9 horas da manhã na capella de Santa Cruz d'esta freguezia. Convidam para assistir a esse acto os parentes e amigos do finado.

Tendo o sr. capm. Marianno Ferreira da Silva retirado de mudança para a cidade de Pindamonhangaba, onde vão fixar a sua residencia, e não lhes tendo sido dado cumprirem com o dever de despedir-se pessoalmente de todos aquelles que lhes teem honrado com a sua amizade, tanto n'esta freguezia como no municipio e Villa do Cruzeiro, veem por este meio cumprir esse sagrado dever, dirigindo d'esta tribuna um amistosito aperto de mão aos seus amigos e pondo á disposição de todos—o seu limitado e fraco prestimo no lugar da sua actual re-

de já tambem agradece á todas as pessoas, que se dignarem acceitar este convite.

Cruzeiro, 17 de Fevereiro de 1879.

Tributo de Gratidão.

O abaixo assignado vem por este meio agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhar os restos mortaes de seu sobrinho Leopoldo Ramos de Oliveira, que foi sepultado no dia 22 do corrente. Agradece do intimo d'alma por si, e em nome dos parentes do fallecido, ás pessoas q' obsequiosa e caridosamente concorreram buscando lenitivo aos males do mesmo; e não pode deixar de mencionar entre outros, os nomes dos Ill. mos Srs. José Francisco Ortiz, Dr. Ascanio, Antonio Emigdio d'Avila e José Antonio Bastos, a todos os quaes, não pode deixar de patentear o seu eterno reconhecimento, pedindo desculpa se com isto offende as suas reconhecidas modestias.

Cachoeira, 24 de Fevereiro de 1879.

Diogo Ramos de Oliveira.

DESPEDIDA

Luiz Affonso Lombardi e sua senhora, tendo-se retirado de mudança para a cidade de Pindamonhangaba, onde vão fixar a sua residencia, e não lhes tendo sido dado cumprirem com o dever de despedir-se pessoalmente de todos aquelles que lhes teem honrado com a sua amizade, tanto n'esta freguezia como no municipio e Villa do Cruzeiro, veem por este meio cumprir esse sagrado dever, dirigindo d'esta tribuna um amistosito aperto de mão aos seus amigos e pondo á disposição de todos—o seu limitado e fraco prestimo no lugar da sua actual re-

sidencia, onde de boa-vontade receberão as ordens dos seus bondosos amigos.

Cachoeira, 23 de Fevereiro de 1879.

AGRADECIMENTO

Nós—José Ferreira Maia, minha mulher e seis innocentes filhos menores, baldos de qualquer outro meio, e possuidos de legitima gratidão para com aquellas almas caridosas e bem formadas que, movidas de piedade pela nossa deploravel indigencia e de nossos pobres filhos, dignaram-se adherir á caridosa idéa de levantar-se uma subscrição para a formação da quantia precisa para a compra de uma pequena casa onde já ha mezes residiamos, porém, da qual actualmente viam-nos forçados a retirar por não poder-mos fazer face ao pagamento dos alugueis da mesma, attento o nosso estado de pobreza, viemos á imprensa para manifestar a nossa eterna e verdadeira gratidão.

Pedimos licença a todos aquelles illustres cavalheiros que contribuíram para dar a nossos filhos um tecto proprio, para declinar os seus nomes, rogando ao Todo-Poderoso que todo prescrite e devidamente aquilata, que derrame suas benções sagradas sobre essa parte bem fazeja do hospitaleiro e phylantropico povo Cachoeirense.

Finalmente, ainda rogamos aos Srs. João Rodrigues Correia e Manoel Marques Pinto que nos queiram desculpar se vemo-nos forçados a offender a reconhecida e proverbial modestia que os caracteriza, —agradecendo-lhes muito particularmente a parte activa que tomaram para a consecução do piedoso fim de angariarem subscriptores, ao sr. João Roiz. Correia agradecemos ainda cordialmente a feliz iniciativa que teve; ao sr. Marques Pinto a valiosa esmola particular que se dignou fazer-nos.

A todos o nosso eterno reconhecimento.

Cachoeira, 2 de Março de 1879.

Os piedosos e caridosos subscriptores são os Ill. mos senhores:

João Rodrigues Correia.....	5\$000
Manoel Saturnino de Seixas. .	5\$000
Um anonymo.....	2\$000
Dito Dito.....	1\$000
Manoel João.....	1\$000
Um Anonymo.....	\$500
D. Anna Victoria Pereira.....	2\$000
Dr. Ascanio.....	2\$000
Francisco Rozera.....	1\$000
Gaudencio da Silva Rocha.....	\$500
Manoel Ferreira das Neves.....	1\$000
Antonio da Cunha Lisboa.....	2\$000
José Martins Coimbra.....	2\$000
Augusto Cardoso de Sa.....	2\$000
Um anonymo.....	\$500
Antonio Ribeiro Gaia.....	1\$000
Porto & Irmão.....	1\$500
	30\$000

S I M ?...

Typ. do Echo Municipal. Cachoeira.